

INTRODUÇÃO

As plantas medicinais brasileiras não curam apenas; fazem milagres (von Martius, *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*, p. 72)

As plantas parecem exercer uma gama incontável de efeitos sobre os seres humanos. Desde tempos inenarráveis, perdidos talvez na poeira da história, a relação do homem com a flora tem sido constante. As plantas têm participado da vida social como elementos decorativos, como peças de mobiliário, como alimentos e como remédios. Esta última qualidade, entretanto, é que chamou nossa atenção, movendo-nos a iniciar este trabalho. Remédios que curam enfermidades, de longa tradição histórica e lendárias propriedades.

Uma receita cujo manuscrito traz a data de 1766¹, de autoria incerta, em meio a dezenas de dezenas de receitas de uma coleção do Colégio de Jesus da Bahia poderia motivar uma dissertação de mestrado como esta? Que imagens não escritas seriam reveladas pela pesquisa? Quantas informações poderiam ser encontradas nas entrelinhas do texto? Como identificar as plantas da receita aos olhos da botânica atual? Estas e outras perguntas foram surgindo à medida que as pesquisas iniciais se desenrolaram. O projeto, ainda tímido em seus primeiros passos, logo mostrou-se fascinante e amedrontador. Fascinante pelas histórias que vão além da palavra escrita. Amedrontador pela riqueza de informações, talvez nunca exploradas em sua complexidade.

Os horizontes a serem vislumbrados pelo estudo pareciam abrir-se por vias muito amplas e diversas. A linha de pesquisa considerou, então, três vertentes interligadas: os indígenas brasileiros, os jesuítas e a *Triaga Brasília*. Esta última, receita magna e secreta da botica jesuítica da Bahia, consumiu boa parte do tempo dedicado à pesquisa.

As “considerações preliminares” do título refletem a natureza deste trabalho. Não há, portanto, a pretensão de se esgotar o tema, que talvez seja tão complexo e rico que jamais seja esgotado.

¹ Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo II, Apêndice, p. 584. Esta obra será referida apenas como *História*.

O presente trabalho pretende discutir os simples² da *Triaga Brasília* — de grande prestígio e considerada uma das “melhores de seu tempo” — e, a partir desta receita, entender como o saber indígena, aliado ao conhecimento europeu da época, foi capaz de estabelecer uma entre mais de duzentas fórmulas da “Collecção de Receitas” da farmacopéia brasileira em voga no século XVIII do Colégio de Jesus da Bahia³.

O objeto de estudo deste trabalho é, portanto, a receita da *Triaga Brasília*, compreendendo os seus simples, tanto os de origem não americana quanto os nativos do Brasil. Parte-se da hipótese de que os jesuítas utilizaram o saber dos indígenas brasileiros para formularem seus remédios, entre os séculos XVI e XVIII, baseados nas plantas medicinais do Brasil e no próprio conhecimento de outras triagas e fórmulas européias em voga na Europa da época. Entretanto, triagas e outras receitas semelhantes anteriores, tais como as triagas de Veneza e de Roma, por exemplo, não foram comparadas à *Triaga Brasília*. Desta forma, a partir da análise dos textos referentes à ação médica dos jesuítas no Brasil e à confecção de remédios oriundos de plantas medicinais brasileiras, pretende-se começar a entender de que maneira os padres jesuítas, em posse do saber indígena das plantas da flora nacional, compuseram a receita da *Triaga Brasília*.

A bibliografia abarcou manuscritos, cartas de jesuítas e outros documentos que deram suporte aos objetivos do trabalho. Foram consultados documentos históricos que tratam das descrições do Brasil e das plantas brasileiras, desde as primeiras descrições da flora brasílica, como as de F. Cardim e G. S. de Sousa, por exemplo, até as obras conhecidas, que tratam das floras de outras regiões, como as de Garcia da Orta, C. Clusius e N. Monardes, no século XVI. Naturalistas dos séculos XVII, como G. Piso e G. Marcgrave, foram considerados pela importância histórica das descrições das plantas brasileiras, especialmente as medicinais.

Na pesquisa, foram igualmente incluídas outras descrições da flora brasileira, como as de Frei J. M. C. Veloso, no século XVIII, e as de K. F. von Martius, B. A. Gomes e J. M. Caminhoá, no século XIX. As poucas informações sobre algumas plantas da *Triaga* foram retiradas de materiais citados por Serafim Leite⁴.

² Vide Capítulo 3 acerca da discussão dos simples.

³ Serafim Leite, *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil*, p. 89 (doravante mencionada apenas como *Artes e ofícios*).

⁴ No Apêndice II, o leitor poderá encontrar a transcrição de “*Notícia breve dos lugares onde se achão alguns simples que compoem a Triaga sobredita*”, citada por Serafim Leite, *Artes e ofícios*,

A identificação botânica das plantas contidas na *Triaga* foi comparada a informações contidas em livros e outros materiais bibliográficos de taxonomia botânica atuais, tais como os de M. P. Corrêa, A. Cronquist, M. G. Ferri, A. B. Joly, F. C. Hohne, S. Schvartsman, G. M. Barroso, H. F. Leitão Filho, J. A. A. Camargos e J. C. Willis, entre outros. A seleção dos autores atuais foi fomentada basicamente pela ampla aceitação dos mesmos entre os estudiosos da taxonomia, e pelo cuidado na avaliação e discussão das identificações realizadas por tais autores. Não se pretende, portanto, fazer uma abordagem anacrônica das plantas, a partir de materiais taxonômicos atuais⁵.

O primeiro capítulo do trabalho trata especificamente do indígena brasileiro e da sua relação com a flora nativa, abarcando, também, sua “farmácia” própria, além das questões relativas à oralidade de sua cultura e a transmissão de seus conhecimentos acerca das plantas medicinais aos jesuítas. Aborda-se, igualmente, a biodiversidade brasileira e o potencial medicinal de nossas plantas.

O segundo capítulo discute a farmacopéia jesuítica no Brasil, as boticas dos Colégios e a confecção de remédios nessas boticas. Particularmente, aborda-se com ênfase maior o Colégio de Jesus na Bahia, local onde foram encontrados os manuscritos que compõem as “Collecções de Receitas”, das quais faz parte a *Triaga Brasílica*. O capítulo inclui, também, a farmácia em Portugal no século XVIII.

O último capítulo do trabalho é mais extenso e discute as plantas e demais componentes citados na *Triaga*. Há, ainda, uma abordagem inicial sobre as triagas na história, particularmente no século XVIII, tanto na Europa quanto no Brasil, além da questão dos simples. Para cada planta, cita-se também a gama de ação terapêutica, conforme dados da literatura disponível atualmente, além das escassas menções feitas a tais princípios ativos em autores anteriores ao século XX.

Três apêndices foram incluídos no trabalho. O primeiro é um índice remissivo das plantas discutidas no Capítulo 3, citando seus nomes vulgares, de acordo com a descrição na *Triaga*, acompanhados da identificação botânica sugerida, por ordem alfabética. O segundo apêndice é pura e simplesmente a transcrição da *Triaga Brasílica*, conforme informações de Serafim Leite, incluindo, além da receita propria-

pp. 299-300. Estas informações constituíram-se em referências importantes e ponto-de-partida, por assim dizer, para as pesquisas que foram desenvolvidas.

⁵ Como escreve R. A. Martins, “Arquimedes e a coroa do Rei: problemas históricos”, p. 116: “[...] questões envolvendo a história da ciência estão sujeitas a uma análise que leva em conta o próprio conhecimento científico atual [...]”.

mente dita, os procedimentos para confeccionar a *Triaga*, locais onde alguns simples podiam ser encontrados à época de sua confecção, e seus efeitos. O último apêndice traz um mapa de Serafim Leite sobre a expansão dos jesuítas no século XVI, mostrando as possíveis rotas tomadas pelos missionários e os principais pontos de fixação dos trabalhos jesuíticos, ao longo da costa brasileira. Este mapa é útil para a discussão dos dados geográficos das espécies discutidas no Capítulo 3, quando comparados às informações disponibilizadas pela biologia moderna.